

A Expansão israelita e a questão da água na Palestina

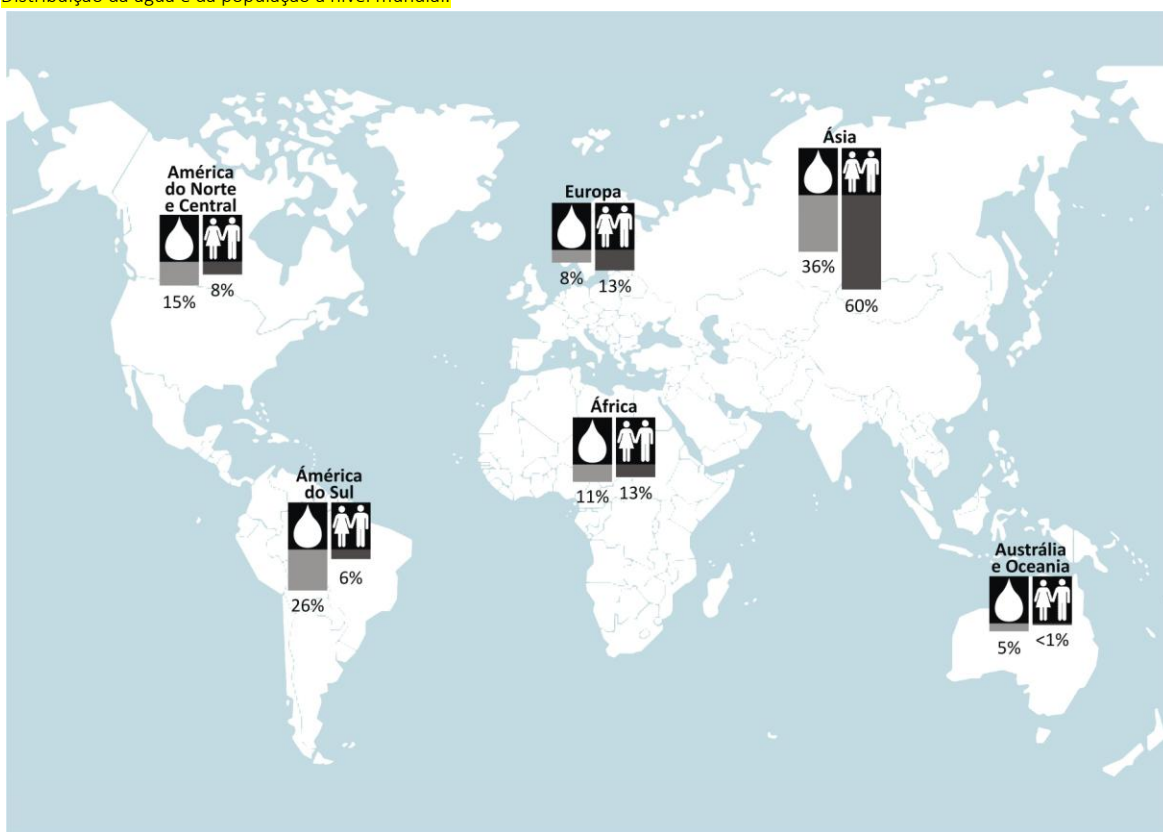
Introdução ao tema da água

Para nos situarmos nesta complexa questão há que primeiro referir que, em termos gerais, 74% da região do Médio Oriente é coberta por desertos, sendo uma das áreas mais áridas do mundo.

De relevar também que a população desta região atingiu no ano 2000 os 377 milhões de habitantes, com elevadas taxas de crescimento, o que nos leva a supor que hoje rondará os 450 milhões de habitantes.

Uma outra situação que importa referir é que a distribuição dos recursos hídricos no planeta versus população é muito díspar, como mostra o mapa seguinte:

Distribuição da água e da população a nível mundial.



Por outro lado há que ter em conta que as reservas de água doce, no nosso planeta, são extremamente escassas, menos de 2,8% da totalidade de água existente e destes, 2,15% estão em

calotes geladas e glaciares.

Valores do quantitativo de Água presente nos diversos compartimentos do seu ciclo.

COMPARTIMENTOS	VOLUME (10 ³ km ³)	PERCENTAGEM TOTAL (%)
ÁGUA SUPERFICIAL		
Lagos de água doce	125	0,009
Lagos salinos e mares interiores	104	0,008
Rios e torrentes	1,3	0,0001
TOTAL	230	0,0171
ÁGUA SUBISUPERFICIAL		
Humidade do solo	67	0,005
Águas subterrâneas	8 000	0,62
TOTAL	8 067	0,625
CALOTES GELADAS E GLACIARES	29 000	2,15
ATMOSFERA	13	0,001
OCEANOS	1 330 000	97,2069
TOTAL	1 364 730	100

Um outro dado importante que interessa conhecer é que a utilização da água pelas comunidades humanas se distribui, em termos médios, da seguinte forma:

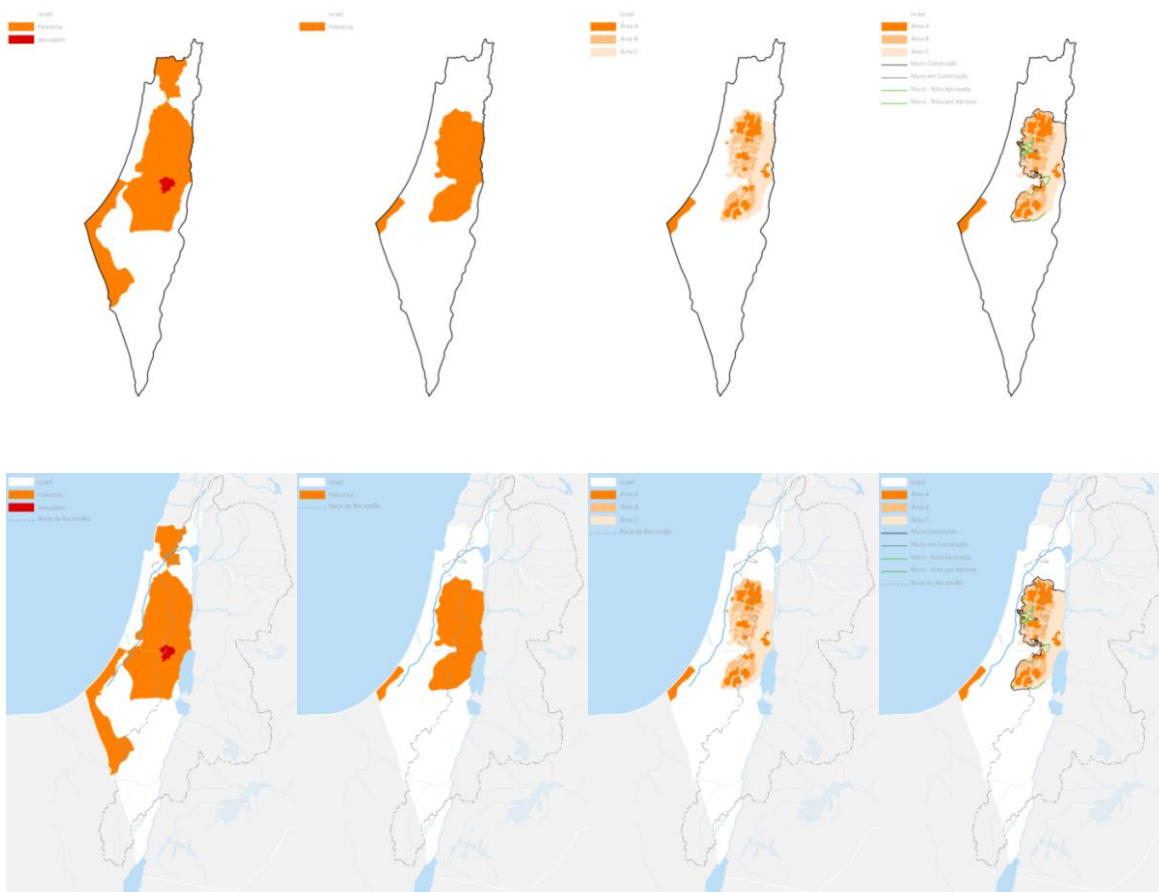
Distribuição do consumo humano de água segundo o tipo de uso.

TIPO DE USO	GERAL (%)	PAÍSES INDUSTRIALIZADOS (%)
Agricultura	70	30
Indústria	22	60
Uso doméstico	8	10
TOTAL	100	100

E muito particularmente há que não esquecer que a água é um bem essencial à vida, tendo sido considerado como um direito humano fundamental pela Assembleia das Nações Unidas em 2010.

A problemática da água no conflito entre Israel e a Palestina

Posto isto olhando agora para o mapa da região e para a localização dos seus recursos hídricos, será fácil associar às investidas expansionistas de Israel objectivos estratégicos pelo controle daqueles recursos, ou seja, o domínio da água.



Desde 1948 que Israel desenvolve projectos, incluindo acções militares, para garantir o controlo da água na região, de entre os quais de destacam:

- a construção do aqueduto nacional;
- a anexação, nos anos 60, dos territórios palestinos de Gaza e Cisjordânia e a ocupação das colinas dos Montes Goulã na Síria, para controlar os afluentes do Rio Jordão;
- o ataque ao Líbano em 1982;
- a construção do Muro no interior dos territórios ocupados, com um traçado que além do mais dá a Israel o controlo de exploração do Aquífero da Montanha (segundo um relatório recente da Amnistia Internacional Israel usa uma parte desproporcionada da água potável do aquífero, impedindo que os palestinos usem a sua parte. Israel usa mais de 80% da água retirada do aquífero, que é a única fonte dos moradores da Cisjordânia. Como resultado os mais de 450 mil habitantes que vivem na região e no leste de Jerusalém usam mais água que os 2,3 milhões de palestinos da região);
- antes de devolver apenas simbolicamente a Faixa de Gaza, Israel destruiu as infraestruturas de acesso aos recursos hídricos da região (a Faixa de Gaza – o que foi estipulado como território palestino conta com 1,5 (?) milhões de habitantes para uma área de 360 km², sem água).

As principais origens de abastecimento de água ao Médio Oriente situam-se nas bacias do Rio Jordão, Tigre e Eufrates. O Rio Jordão afectado pela seca e pela poluição, rio internacional,

abastece Israel garantindo cerca de um terço das suas necessidades de água, abastecendo ainda a Jordânia, a Síria, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza.

Israel com as sucessivas invasões apoderou-se do controlo do abastecimento de água tanto seu como da Palestina. Estão sob o seu controlo as águas superficiais da bacia do Jordão (incluindo o alto Jordão e seus afluentes), o Mar da Galileia, o Rio Yarmuk e o baixo Jordão; as águas subterrâneas formadas pelo grande aquífero da Montanha (totalmente sob o solo da Cisjordânia, com uma pequena porção sob o estado de Israel), que se divide em três bacias (Oeste, norte e este) e o aquífero costeiro que se estende por toda a faixa litoral israelita até Gaza.

Apesar disto Israel tem sérios problemas com a escassez de água, tendo investido fortemente na dessalinização da água do mar (construção de uma unidade por osmose inversa, que é a maior do mundo, tendo capacidade para produzir 127 milhões de m³ por ano, para abastecer um sexto da população israelita).

Por outro lado, também tem feito investimentos na reciclagem de águas residuais e na produção artificial de chuvas, para além da prática de medidas restritivas no uso da água. Segundo o relatório da Amnistia Internacional, já referido, os israelitas usam mais de 4 vezes a quantidade de água por pessoa, em média, do que os palestinos, cujo consumo está abaixo do mínimo recomendado pela Organização Mundial de Saúde.

Comparação do consumo médio per capita de água, em litros/dia.

CONSUMO MÉDIO PER CAPITA (litros/dia)	
Israelitas	300
Palestinos	70
Palestinos (Comunidade Rural)	20
Portugal	200
Valor recomendado pela OMS	100

Nos territórios ocupados em 1967, Israel, para além da apropriação do controlo dos recursos hídricos e em consequência disso, usa a água como arma de guerra, impedindo os palestinos de aceder à água, um direito fundamental da pessoa humana, havendo notícias sobre destruição e bombardeamento de poços e reservatórios e estações de bombagem. E até mesmo depósitos individuais, contruídos nos telhados das casa são alvo de destruição, para além das medidas restritivas/impeditivas da construção de novas captações impostas pela ocupação militar.

Muitas regiões palestinas não possuem, até hoje, qualquer espécie de infraestrutura hídrica. Uma dessas áreas é Beit Furik, uma pequena cidade da Cisjordânia, próxima de Nablus, onde, pela informação seguinte, atribuída ao Presidente da Câmara, se pode avaliar a situação: "temos 12 tanques para colectar água em Nablus, mas, desde o início da Intifada as autoridades israelitas

colocaram postos de controlo na estrada, que proíbem os tanques de chegar a Nablus. Por vezes eles têm de esperar entre 5 a 6 horas. Às vezes permanecem retidos um dia inteiro. Outras vezes mesmo deixam passar os tanques mas os soldados israelitas abrem os compartimentos de água, esvaziando-os."

Outro exemplo: a comunidade beduína em Ras al-Auja, originária do norte de deserto de Nakab, dentro das fronteiras de Israel, e expulsa pelas autoridades israelitas para a zona Hebron, regressou à área a noroeste de Jericó alguns anos após 1967. Israel não reconhece esta comunidade como legítima e por outro lado a Autoridade Palestiniana não pode garantir qualquer serviço social uma vez que a comunidade está localizada numa área C (acordo de Oslo). Em consequência, para garantir o seu estilo de vida os beduínos têm que adquirir tanques de água à companhia israelita Mekerot a preços exorbitantes (10 a 15 vezes superior ao da água da rede). A comunidade beduína, para além dos usos domésticos, necessita da água para dar de beber aos animais dos quais depende a sua sobrevivência, na proporção de 40/60% respectivamente.

Em flafrente contraste, para os colonatos todos os serviços sociais são subsidiados, incluindo o abastecimento de água. Em consequência nos colonatos do Vale do Jordão a média per capita é 487 litros de água por dia, para usos domésticos. A norte do Mar Morto este valor chega aos 727 litros.

O quadro seguinte evidencia bem a disparidade de situações entre os colonatos e as povoações palestinianas. A título meramente exemplificativo refira-se que em Portugal o consumo médio per capita ronda os 200 litros/dia.

Comparação do consumo médio per capita de água entre Palestinos e Colonos Israelitas, no Vale do Jordão, em litros/dia.

COLONATO ISRAELITA	CONSUMO MÉDIO PER CAPITA (litros/dia)
Yitav	317
Argaman	411
Mechola	386
Niran	433
Ro'l	431
VILA/COMUNIDADE PALESTINA	
Ras al-Auja	30
Zbeidat	81
Ein al-Beida	117
Al-Auja	82
Al-Hadidiya	20
PORTUGAL	200

Todos os colonatos do Vale do Jordão estão ligados a redes modernas de abastecimento de água,

electricidade e comunicações. Todos têm saneamento. Comparativamente apenas 37% dos palestinos no Vale do Jordão têm acesso à água da rede pública e apenas 2% ao saneamento.

Novamente a título meramente exemplificativo apresentamos no quadro seguinte a situação portuguesa, neste particular, em 1974:

- abastecimento de água – 49%;
- tratamento de águas residuais – 1%.

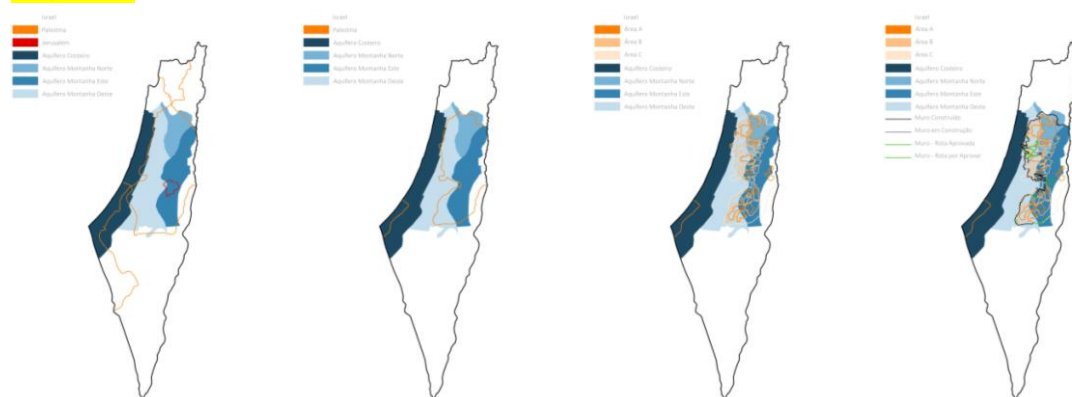
Israel impõe aos palestinos sérias limitações no acesso aos recursos hídricos através de uma comissão mista israelo palestina que superintende em toda a construção de novas captações e infra estruturas de distribuição de água nos territórios ocupados mas esta comissão não tem qualquer competência em relação aos colonatos, ou seja, para os colonatos tudo é rápido e fácil para os palestinos os obstáculos burocráticos ou militares. Em consequência desde 1993 apenas um projecto israelita foi regeitado enquanto apenas metade dos projectos palestinos conseguiram finalmente aprovação.

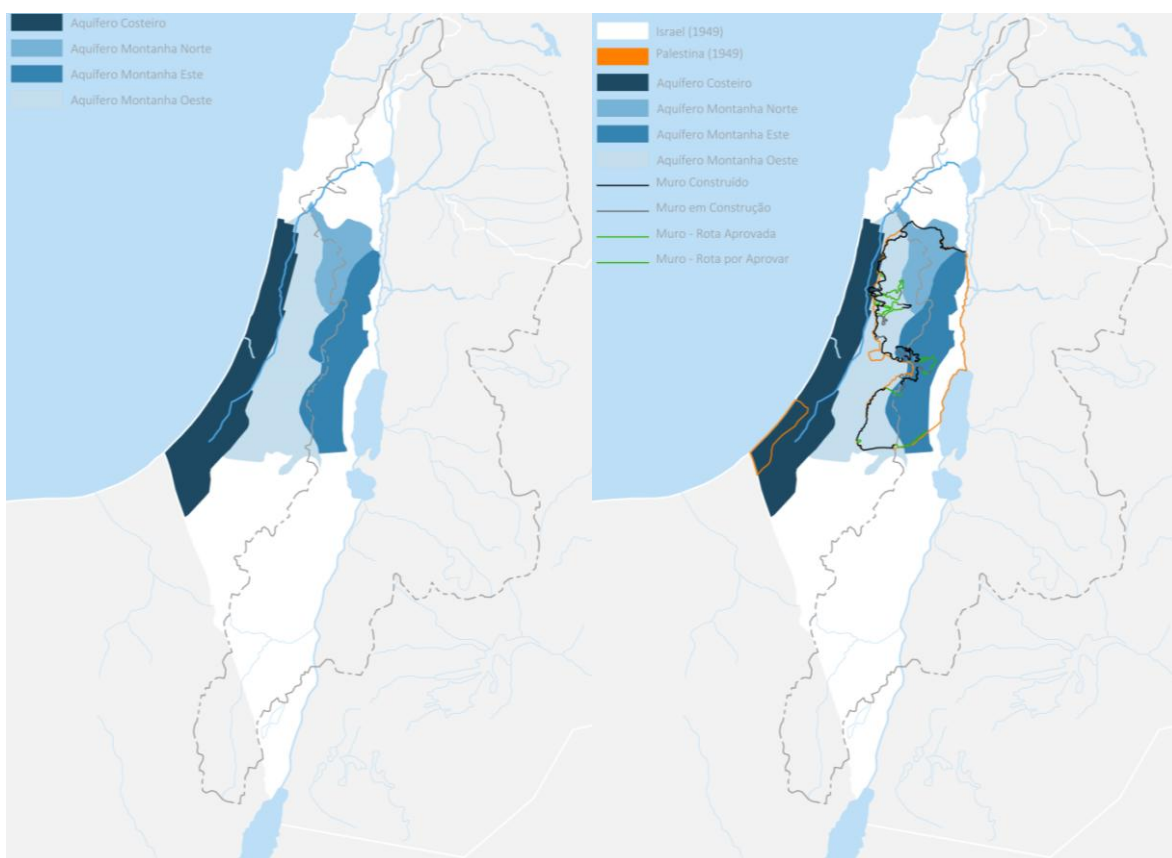
Aqui é importante referir que nos territórios ocupados militarmente, por força das leis militares vigentes e pelos acordos específicos nas sucessivas Conferências de Paz, em particular em 1993 em Oslo, Israel é responsável pelo abastecimento de água aos palestinos o que torna ainda mais criminosa este tipo de actuação.

A revolta está bem patente nas palavras deste palestino: "sinto raiva que os colonos judeus de ltemar bebam água limpa enquanto minha família bebe água de um poço que tem água suja ou poluída".

Com a construção do muro racista, Israel, como já dissemos, contornou as captações de água subterrânea de forma a mantê-las sob o seu completo domínio, aumentando assim o seu já enorme poder consequente da ocupação e controlo das águas superficiais da Palestina, tornando economicamente inviável o futuro Estado da Palestina, um território minúsculo, super povoado e sem água.

mapa final





Comparação de Área, População e Densidade Populacional.

	ÁREA (km ²)	POPULAÇÃO	DENSIDADE POPULACIONAL (hab/km ²)
ISRAEL	20 330 (terra)	7 590 758	373,78
Cisjordânia		325 500	
Jerusalém Este		186 929	
Montes Golã		18 700	
FAIXA DE GAZA	360 (terra)	1 710 257	4 758,71
CISJORDÂNIA	5 640 (terra)	2 622 544	464,99
LISBOA	84,94 (terra)	547 631	6 447,27

Israel explora cerca de 80% dos recursos naturais de água e os palestinos os restantes 20%. Quanto ao Rio Jordão os Palestinos não possuem qualquer acesso.

O regresso de Israel às fronteiras anteriores a 1967, em cumprimento das resoluções das Nações Unidas, seguidos de acordos de partilha das águas superficiais da bacia do Jordão por toda a população envolvida será um primeiro passo para a construção dum futuro de paz da Palestina e

em todo o Médio Oriente.

É verdade que o conflito na Palestina não se reduz ao problema da água. Como é verdade que os conflitos no Médio Oriente não se reduzem aos problemas dos hidrocarbonetos nem tão pouco às questões religiosas. Inserem-se, isso sim, numa lógica de domínio imperialista que tem em Israel uma guarda avançada, forte e ambiciosa, disposta a participar e partilhar da rapina dos recursos da região.

Mas não é menos verdade que o imperialismo não é invencível, como a História já o demonstrou à sociedade, e um dia a Paz chegará ao Médio Oriente e com ela a resolução de muitos dos actuais problemas e também o da água. E até mesmo os problemas da escassez poderá ter solução. Existem 2 projectos técnicos, um que prevê a utilização dos excedentes da bacia do Tigre e Eufrates através de um aqueduto que supriria as necessidades do Líbano, Síria, Israel e Iraque e ainda para os países do Golfo Pérsico, e o outro que prevê a utilização dos excedentes do Nilo para as zonas áridas da Palestina, Israel e Jordânia.

Para além obviamente dos projectos de dessalinização e de reutilização das águas residuais e das políticas de utilização racional da água que não poderão deixar de estar sempre presentes.

Concluindo, podemos dizer que a política expansionista de Israel, estão claramente associados objectivos estratégicos pelo controlo dos recursos hídricos da região que Israel usa em proveito próprio, negando aos palestinos o acesso aos mesmos nas condições que lhes cabem por direito inalienável. Como também podemos afirmar que o Estado da Palestina a instalar no território com as fronteiras anteriores a 1967 não terá qualquer viabilidade económica senão lhe for reconhecida a soberania sobre os seus recursos hídricos e os seus direitos na partilha equilibrada dos recursos transfronteiriços.

Para além disso o novo Estado da Palestina terá pela frente a tarefa gigantesca de criar condições para o regresso dos refugiados que o desejarem (este tema poderá ser abordado em próxima "conversas de paz") e a não menos gigantesca tarefa de reconstrução do país na qual se inserirá naturalmente a reconstrução/construção de infraestruturas necessárias à gestão racional da água.